

SOBRE OS ESTADO “EM” ISRAEL

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 28.09.1982

Meu primeiro movimento, quando decidi escrever nesta coluna um artigo sobre o genocídio que Israel cometeu contra palestinos e libaneses durante a invasão e os bombardeios, e que os libaneses maronistas, com o apoio de Israel, cometeram contra famílias palestinas indefesas em Chatila e Sabra, foi de homenagear a coragem de dois amigos meus judeus Maurício Tragtemberg e Paul Singer, que escreveram na página três deste jornal artigos admiráveis denunciando o nazismo de Béguin e Sharon.

Estendendo essa homenagem a todos os demais judeus, entre os quais Alberto Dines, no Pasquim, que pública ou privadamente, ficaram indignados e protestaram contra os massacres: do total de 26.500 mortos e feridos pelos bombardeios de Beirute Oeste, 10 mil eram menores de 15 anos; a lista de mortos comprovados em Chatila e Sabra já sobem a 597, havendo pelo menos duas mil pessoas desaparecidas.

Judeus que são capazes de denunciar com veemência essas atrocidades são homens corajosos. Afinal a coragem moral é antes de mais nada a capacidade de enfrentar os poderosos ou os seus pares; é a capacidade de desafiar quem tem o poder do Estado, ou os membros da comunidade a que se pertence. Estes homens têm revelado inúmeras vezes os dois tipos de coragem.

Mas, além de prestar essa homenagem, gostaria de dialogar com todos os judeus sobre a própria natureza do Estado existente “em” Israel. Todas as críticas estão sendo dirigidas agora a Béguin, a Sharon e a seus seguidores. Mas será que basta essa crítica? Será que é o fascismo comprovado dessa gente o culpado de tudo? Ou será que é a própria natureza militarista do Estado existente em Israel, baseado no sionismo, e apoiado em um militarismo e um racismo inquestionáveis, que precisa ser discutido? Afinal os trabalhistas de Shimon Perez não cometeram crimes desse porte, mas também foram racistas e militaristas. E a crítica que agora fazem a Béguin é tímida, insegura, como demonstrou muito bem Isaac Acklerud nesta Folha. Isto acontece porque conhecem muito bem suas próprias culpas no passado.

Na verdade, o que é preciso discutir hoje é a natureza do Estado existente em Israel, o qual, por sua vez, deve ser distinguido com muita clareza do Estado Nacional “de” Israel. Ninguém pode por em dúvida a legitimidade do Estado de Israel, da mesma forma que é um escândalo negar aos palestinos o direito de um território para seu próprio Estado Nacional. Mas a palavra “Estado” tem pelo menos três sentidos: pode ser sinônimo de país soberano (Estado Nacional de Israel); pode ser uma aparelho burocrático político; e pode ser uma forma de organização política e ideológica da sociedade. É neste último sentido que é preciso discutir o Estado em (e não de) Israel.

Com isto pretendo sugerir que não são apenas Béguin e seus asseclas que precisam ser criticados. É todo o Estado nacionalista, militarista e racista implantado em Israel sob o disfarce de uma democracia (afinal não basta forma democrática para haver democracia) e com o apoio dos Estados Unidos.

Os judeus, melhor do que eu deverão fazer ou continuar a fazer uma análise, e a denunciar esse Estado. A grande intelectualidade judia de todo o mundo já vem criticando Israel, mas sua crítica só ganhará força e sentido plenos quando a distinção entre o Estado “em” e “de” Israel for um pressuposto claro.(28/09)